

Uma lenda.

La no fundo da densa floresta, aonde raramente se aventura um caçador solitario ou um lenhador perdido, se ergueu, há muitos e muitos anos, o castelo nobre de Wittgenstein. As suas torres altas dominavam toda essa terra e dos seus muros fortes ouvia-se, por muitas leguas, o som solene das trombetas. O velho conde tinha uma unica filha, cujo nome era Vera, e que era de tão rara beleza que sua fama se tinha espalhada pelos quatro cantos da terra. Perto do castelo vivia, no entanto, um dragão temivel, chamado Tractatus, de cuja garganta horrivel se projetavam mil linguas de fogo, que se antelaçavam e separavam como mil serpentes. Um dia a bela condeza passeava no jardim do castelo, despreocupadamente colhendo flores e observando os passarinhos, quando o dragão a surpreendeu e a levou consigo para a sua cova. O velho conde, na sua dôr, mandou anunciar em todas as terras, que dava a mão da sua filha aqúele heroi que conseguir livra-la das garras do temivel Tractatus. E chegaram os guerreiros famosos de todos os reinos e de todas as pragas. Lá do norte, de Koenigsberg, chegou o bravo Immanuel, conhecido, pela força da sua voz, pelo nome "o Canto". Da terra dos Nietzsche chegou Frederico, o Barba Negra, em seu corcel, Zaratusthra. Da longinqua Albion chegou o Humo Davi com seu tia, cognominado Locke o Louco. Das covas a margem esquerda do Sena chegou João-Paulo, o Sartro, em sua egua Simona. Veiu o bravo Kierkegaard, o capitão dos Vikings, e veiu com seus instrumentos John Dewey, o principe de Ultima Thule. Veiu o gentil Jorge, o Santayana, e o Cavalheiro Bendito da Cruz, o famoso Croce. Veiu o grande Maritano, e o famoso Senhor dos Heidegger, cheio de vida. Veiu o corajoso Henrique Bergson e veiu o Hegel com sua espada, a Dialectica famosa. E veiu o proprio Rei Arthuro, das bandas dos Schopenhauer.

E o velho Beltrão da Praia do Russell, o vassalo fiel do conde, assim falou aos heróis reunidos: "Grandes são os perigos que vós esperam, gentis Senhores, mas grande o preço conseguido por aquele entre vós que domar o Tractatus. As suas linguas queimam e o seu hálito paraliza, e aquele que o olhar de frente perde a sua fala e emudece para sempre. Mas a graciosa condeza Vera é bela além de todas palavras e doce e meigo é seu abraço. Feliz mais que todos os homens aquele que a apertar em seus braços."

E foram todos os bravos e desnudaram as suas espadas e com grande clamor e gritos de guerra se aproximaram da cova, aonde o dragão dormia. E este, despertado do sono, levantou a cabeça horrenda e abriu a goela, como que bocejando. E apareceram as suas linguas, flamejando e sibilando, retorcendo-se e contorcendo-se, um espectáculo terrífico e nojento. E ficaram petrificados os heróis, e os bravos, e caiu sobre o grupo um silencio de morte. E, poucos instantes depois, guardaram as suas armas, e, envergonhados, deixaram, um por um, o campo inglorioso da batalha nunca travada.

E todos os guerreiros se foram, e ficou somente João Ninguém, montado em sua burrinha chamada Fides. Ela se tinha obstinado de virar as costas para a cova e em vão Joãozinho se tinha esforçada de ~~xira~~ faze-la encarar a cova. Assim o João não tinha visto o dragão nem suas multiplas linguas. E não compreendeu a razão da fuga dos heróis e dos bravos. Estava por demais ocupado tentando fazer virar a burrinha. Debalde Tractatus abria e fechava a goela, debalde as linguas se retoriciam, debalde flamejavam. Joãozinha nada viu. E cansado por seu esforço o dragão voltou ao sono. E saiu da cova a bela condeza e se aproximou de Joãozinho, abraçando-o por detraz, tapando-lhe os olhos com suas mãozinhas e chamando alegremente: "adivinha quem é?" e cantarolando. E montou na sua burrinha e assim voltaram juntos ao castelo. E quando chegaram grande era a alegria e a surpresa de todos. Maior, no entanto, a surpresa e a alegria do proprio João, que não sabia que Vera tinha vindo com ele.

E o conde mandou matar mil porcos, e vinte mil galinhas e quinhentos bois, e mandou abris cem toneis de vinho, e festejaram durante setenta dias e noites. E João casou com Vera e tornou-se conde. E se não morreram, vivem felizes até os nossos dias.